

## **CURSO DE APERFEIÇOAMENTO SOBRE MELICULTURA PARA ÍNDIOS KAINGANG DA TERRA INDÍGENA IVAÍ – PR**

Lúcia Gouvêa Buratto

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Especial UFSCar – SP.

Maria da Piedade Resende da Costa

Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Especial - UFSCar - SP

William Gouvêa Buratto

Acadêmico do Curso de Engenharia Ambiental – UNICENTRO – PR

Apresentação: Pôster

### **RESUMO**

O presente Trabalho expõe o resultado de um curso de aperfeiçoamento sobre a produção de mel de abelhas sem ferrão, do gênero melípona, ofertado para 10 professores Kaingang, que residem na Terra Indígena Ivaí município de Manoel Ribas – PR, O curso objetivou contribuir para a melhoria da alimentação dos indígenas, através do aperfeiçoamento de técnicas de produção de mel de abelhas sem ferrão. Através de uma metodologia participante os saberes ancestrais do povo Kaingang foram valorizados e articulados com conhecimentos científicos, o intercâmbio criou um ambiente propício de ensino aprendizagem recíprocos. O curso propiciou aos professores indígenas o conhecimento de novas técnicas de captura, manejo das colméias, transferências de ninhos, divisões e fortalecimento das colméias, coleta, pasteurização, filtragem e envase do mel, bem como noções básicas sobre controle de predadores e plantas melíferas. Através das ações destes agentes os conhecimentos adquiridos por meio de uma prática intercultural, poderão ser consolidados e estendidos para toda a comunidade.

**Palavras chave:** Produção de alimentos, abelhas sem ferrão, Índios Kaingang.

### **Abstract**

This work exposes the result of a improvement course about the stingless bees' honey production, kind melipona, it was offered for 10 Kaingang teachers that live on indigenous Ivaí Land in Manoel Ribas city-PR. The objective of the course was to contribute to enrich the indigenous food through techniques improvement of stingless bees' honey. Through a participant methodology the ancestral knowledge of Kaingang people were valorized and added with scientific knowledge, the interchange created a propitious environment reciprocal of teaching and learning. The course added for the indigenous teachers the knowledge new capture techniques, beehives manipulate, nests transference, beehives division and strengthening, to collect, pasteurization, filtration and honey filling, as well as basic notions about predators control and honey plants. Though of the actions of these agents the knowledge acquired by a intercultural practice can be consolidated and extended for the whole community.

Key words: Food production, stingless bees, Kaingang Indigenous.

## **Introdução**

O Povo Kaingang, forma um dos grupos mais populosos do Brasil com aproximadamente 25.000 indivíduos, falam a língua do tronco lingüístico Jê, na atualidade habitam terras indígenas localizadas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Estado do Paraná, os Kaingang, formam a maior população indígena aproximadamente 9.000 indivíduos, vivem em 11 Terras indígenas, algumas delas estão situadas em dois municípios, seus territórios são denominados **(Gá; Angá)**

Há séculos as terras indígenas tem sido palco de confrontos e represálias envolvendo índios, madeireiros e outros grupos como imigrantes, tropeiros, bugreiros, garimpeiros, grileiros entre outros. Nestes confrontos os atos praticados pelos indígenas na maioria das vezes foram uma das formas de reagir contra a invasão de suas Terras e a violência praticada contra eles. Historiadores e Antropólogos relatam a dramática história de luta e resistência dos indígenas destes grupos que vem sofrendo a décadas a interferência do “homem civilizado” que os subjugaram, combateram, exploraram, dizimaram e exterminaram grande parte do povo indígena.

Os kaingang apesar de todas as políticas etnocidas que lhes foram impostas continuam preservando-se como sociedades diferenciadas no modo de viver ser e organizar. Vivem em terras degradadas, e continuam fazendo roças coletivas e familiares, que não produzem o suficiente para atender suas necessidades, básicas de sobrevivência. Para complementar a renda familiar, os Kaingang trabalham com bóias-frias e dependem das políticas assistenciais dos órgãos públicos, municipal estadual e federal. Verificam-se nas comunidades altas taxas de subnutrição, mortalidade infantil e alcoolismo. “Os Kaingang detêm hoje apenas 10% das terras que o governo imperial lhes tinha delimitado..., a situação hoje enfrentada é de escassez para sua reprodução social”. (TOMMASINO, 2004, p.190)

A atual Constituição promulgada em 1988 dedicou aos índios um capítulo específico, com direitos e garantias fundamentais e assim refere-se, no capítulo VII – dos índios no artigo 231 “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, cabendo

à União demarcá-las, proteger e respeitar todos os seus bens”. Entretanto passadas quase duas décadas da promulgação da carta magna somente 38,24% das terras estão demarcadas e as populações indígenas encontram-se em situação de subordinação e exploração econômica e as mais diversas formas de exclusão, tal situação pode ser observada, entre as comunidades indígenas das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Um estudo feito por Leite (1995), evidencia que:

Os dados sobre a fome e a carência alimentar para o Sul e Sudeste do país são alarmantes: em todas as terras levantadas foram indicados quadro de carência alimentar ou de fome, obteve-se informações específicas sobre a população de 63 terras das regiões, cobrindo cerca de 80% da população indígena na região e informações indiretas de quase toda população restante, o que nos permite generalizar o problema a praticamente todas as terras da região (LEITE,1995, p.40.)

Várias estatísticas mostram que populações indígenas são as que mais sofrem com a miséria e a fome no Brasil. “Esta fome não está associada somente a ausência de demarcação de seus territórios, mas também a omissão do Estado em relação a saúde, educação depredação ambiental e projetos que estimulem os diferentes povos a desenvolverem alternativas econômicas auto-sustentáveis” (PIETRICOVSKY, 1995, p. 5).

Os Kaingang que habitam atualmente a Terra Indígena Ivaí localizada no Terceiro Planalto paranaense, dentro dos domínios da Mata Atlântica na região central do Estado do Paraná têm um passado marcado por lutas e resistências. Outrora lutaram contra a expropriação de suas terras, que já foi de 36.000 hectares cujo usufruto era assegurado pela Constituição Federal de 1946, foi reduzida para 7.200 hectares com o acordo de 12 de maio de 1949. A drástica redução de suas terras aliada a falta de perspectivas, somadas as mudanças ocorridas e influenciadas pelos contatos com a sociedade não índia, intensifica a situação de vulnerabilidade a qual são expostos e somadas a outros fatores, contribuem para o aumento da carência alimentar que atinge grande parte das que somam atualmente 1 300 pessoas, vivendo do artesanato e da agricultura que não são suficientes para alimentação adequada desta comunidade

Na comunidade residem aproximadamente 300 crianças de 0 a 60 meses, ou seja, 0 a 5 anos, muitas delas apresentam estado crítico de saúde, graves infestações parasitárias que embora tratados as condições ambientais são favoráveis a sua propagação e reincidência, observa-se ainda problemas dermatológicos e conseqüentemente baixo peso. Esta situação está relacionada a séculos de

políticas equivocadas a qual foram submetidos, e outras imposições garantidas em leis mudaram radicalmente os seus modos de vida, principalmente no se refere a alimentação indígena caracterizada atualmente pelo alto consumo de produtos industrializados.

O mel é um produto ancestralmente usado pelos indígenas. Entretanto, com a introdução do açúcar o consumo do mel caiu vertiginosamente, além disso, na natureza as abelhas preferem árvores grossas e a captura dos enxames e a extração do mel implicavam na derrubada destas árvores. O mel também deve ser pasteurizado e acondicionado de forma que não perca a qualidade e valor nutricional.

A capacitação dos professores da etnia Kaingang, ocorreu nas dependências da Escola Estadual Indígena Gregório Kaekchot EIEFM - Terra Indígena Ivaí - PR realizou-se através de uma metodologia participante, onde os conhecimentos tradicionais da etnia foram respeitados, valorizados e articulados com novas técnicas, implicando a construção, apropriação e socialização dos conhecimentos. Pedro Demo, ao referir-se sobre esta metodologia, observa que: “Esta é a garantia mais efetiva da união entre a teoria e a prática. É também o lugar do espaço educativo, em sentido político tanto do educador, quanto da comunidade” (DEMO, 1989, p.239).

O curso foi dividido em duas partes sendo uma teórica e outra prática Na parte teórica os professores indígenas conheceram novas técnicas de captura, manejo das colméias, divisões e fortalecimento das colméias e noções básicas sobre plantas melíferas e como controlar os principais predadores. Vivenciaram na prática a transferências de ninhos, a coleta do mel e realizaram a pasteurização a filtragem e o envase do mel. Os materiais utilizados foram: dois enxames de abelhas jataí previamente capturados, caixas para a transferência dos enxames, pote, espátula e peneira de inox para a coleta do mel, vasilha de vidro e termômetro para a pasteurização do mel, embalagem de 30 ml e funil para envase do mel.

A produção de mel abelhas sem ferrão também conhecidas como abelhas indígenas, apresenta-se como uma alternativa viável pois são abundantes na região. Gonzaga (2004) explica que no Estado do Paraná, os meliponídeos que ocorrem com maior frequência são: Mandaçaia, Guaraipo,, Manduri, Tuiuva , ou Tujuba, Jataí, Borá,

Irai, Tubuna, Tiuba Amarela ou Tujumirim, Mombucão, Guirá ou Guiruçu, cupira preta, Irapuá, Mel de sapo, Caga-fogo, Mirim, Mirim preguiça, Mirim Guaçu e Irati (p.14).

Os professores que receberam a capacitação, atuam na Educação Escolar Indígena, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, tem contato diário com crianças jovens e adultos e poderão incentivar alternativas de auto-sustentação que respeite os hábitos alimentares do seu povo, poderão também atuar como agentes disseminadores de práticas ambientalmente corretas, através de informações repassadas de forma bilíngüe.

A meliponicultura é uma alternativa com grandes perspectivas, uma vez que é um alimento de alto valor nutritivo que além de trazer melhores condições de saúde, pode ainda constituir-se em uma atividade relativamente rentável, com intervenções benéficas para o equilíbrio dos diversos ecossistemas.

## **Referências**

BRASIL, Congresso Nacional. **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, 1988.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. S. P. Ed. Atlas S.A.1989.

LEITE, J.C.F. **Sul e Sudeste: Fome e os equívocos da ação indigenista**. In MAPA DA FOME ENTRE OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (II) Contribuição À Formulação de Políticas de Segurança Alimentar Sustentáveis. INESC – PETI – ANAI/BA. Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida. 1995.

PIETRICOVSKY, Iara. **O RAIO-X DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL**. In MAPA DA FOME ENTRE OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (II) Contribuição À Formulação De Políticas De Segurança Alimentar Sustentáveis. INESC – PETI – ANAI/BA. Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida. 1995.

Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Administração Regional do Estado do Paraná –SENAR –PR. **Trabalhador na Meliponicultura: abelhas indígenas sem ferrão/** Sebastião Ramos Gonzaga e Hermes Neri Palumbo. Curitiba: SENAR-PR.,2004. 72p.

TOMMASINO. Kimiye. **Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da Bacia do Tibagi** In: Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang/ organizadores Kimiye Tommasino, Lúcio Tadeu Mota e Francisco Noelli – Londrina: EDUEL, 2004. 410p.